



**CAMINHADA TEÓRICA E METODOLÓGICA DE UMA
(AUTO)BIOGRÁFIA: UM PROCESSO RE-EDUCATIVO**

**TRAYECTORIA TEÓRICA Y METODOLÓGICA DE UNA
(AUTO)BIOGRAFIA: UNO PROCEDIMIENTO (RE)EDUCATIVO**

Severino Lepê Correia¹
lepecorreia@gmail.com

Resumo

O presente artigo é um fragmento de minha caminhada metodológica com finalidade de iniciar a escrita da tese *A Educação Enquanto Palco (Auto)biográfico: o “Eu” Idêntico de Lepê Correia*, defendida na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, para obtenção do título de Doutor em Educação e tem como objetivo mostrar alguns procedimentos por mim empregados para a escrita de tão melindroso trabalho acadêmico e os ensinamentos obtidos numa autonarrativa. Para tanto, aconselhado por meu orientador, fiz o levantamento de uma bibliografia sobre o assunto para me situar no campo, até então, desconhecido: (auto)biografia. Observei os primeiros autores a utilizarem-se deste método escrevendo sobre si mesmos, quando essa prática ainda nem tinha esse nome, Sto Agostinho e Rousseau, depois parti para o diálogo com autores contemporâneos nacionais como, Passeggi, Maria da Conceição (2010–2012); Souza, Elizeu Clementino de (2006) e Souza, Edilson Fernandes (2020); internacionais como, Bourdieu, Pierre (2005); Delory-Momberger, Christine (2014) e Novoa, Antônio (1992), para melhor compreensão do método (auto)biográfico; fiz estudos sobre o quadro organizativo do método, exibido por meu orientador, que constantemente conversava comigo e iniciei as primeiras gravações, ou o narrar para mim mesmo. Decidi eu mesmo transcrever. para melhor acercar-me do estar no mundo, sabendo-me nele. Para melhor nortear-me tomei como palco a educação enquanto construção política, coligada às questões da autonarrativa, que o tempo inteiro ia desvelando minha trajetória, enquanto força re-educativa.

Palavras-chave: Educação, método (auto)biográfico, “Eu” Idêntico, autonarrativas.

Resumen

Ese artículo es un fragmento de mi trayectoria metodologica para iniciar la escrita de la tesis *Lo yo idêntico de Lepê Correia* defendada en la Universidad Federal de Pernambuco - UFPE, para obtener a la titulación de Doctor en Educación y tene como propósito exhibir algunos

¹ Doutor, Universidade Federal de Pernambuco- UFPE.

procedimientos empleados en la escrita de tan melindroso trabajo académico y los enseñanzas obtenidas de una autonarrativa. Para tanto, fue aconsejado por mi orientador a obtener una bibliografía acerca del tema para situar me en el campo no conocido: (auto)biografía. Conoci dos autores a hicieron uso de el método de la escrita sobre nosotros mismos, cuándo ésa práctica aún no tenia ése nombre. Después fue dialogar junto a los autores contemporáneos nacionales: Passeggi, Maria da Conceição (2010-2012); Souza, Elizeu Clementino de (2006) e Souza, Edilson Fernandes de (2020); internacionales, como Delory-Momberger, Christine (2014); Bourdieu, Pierre (2005) e Nóvoa, Antônio (1992), para mejor entendimiento acerca de lo método. Hizo estudios acerca de lo cuadro organizativo del método, exhibido por mi orientador y que siempre estaba a hablar conmigo. Empecé las primeras grabaciones, o sea, el narrar para mi mismo. He decidido yo mismo transcribir, para acercarme mejor del “estar en el mundo”, comprendiendo que estoy en él. Para ofrecerme una ruta tomé como idea principal, la educación como construcción política, coligada a los temas que aparecen desde la autonarrativa que, a todo momento, iba revelando mi camino como fuerza (re)educativa.

Palabras-llave: educación, método autobiográfico, yo idéntico, autonarrativas.

Introdução

*Empresta a cada garganta teu grito / Dá a cada jinga o
significado!²
A cada olhar: a visão / Que em cada trança
A reunião se presentifique
Assim como no toque do tan-tan / Uma mensagem se codifique
Até a hora da grande gargalhada / Em nome de Olórun
Asé!
Bará o!
(Correia, 2006, pp.19-20)*

O objetivo deste artigo é mostrar minha caminhada para melhor compreensão do método (auto)biográfico, discutindo sobre os primeiros e mais conhecidos autores a darem sentido ao termo (auto)biografia, na prática, para a escrita sobre si mesmos em tempos longínquos, quando ainda nem tinha esse nome, bem como minha relação com as autorias contemporâneas nacionais e internacionais. Ao longo do texto, exibirei os procedimentos por mim empregados para a escrita de tão melindroso trabalho acadêmico.

Uso o termo melindre pois não sabia que era tão difícil o escrever sobre mim mesmo. Principalmente dentro de parâmetros teórico-científicos que não pertenciam, até então, à minha vivência costumeira de escrita, dado ao meu modo indisciplinado de poeticamente

² A epígrafe que abre este artigo, é um trecho de “Enu Gbarijó (boca coletiva), poema do livro *Caxinguelê*, poemas de negritude.

viver, embora acostumado a escrever na primeira pessoa: herança do povo de África e costume aprendido nas vivências com literaturas africanas.

Este artigo é oriundo da tese *A Educação Enquanto Palco (Auto)biográfico: O “Eu” Idêntico de Lepê Correia*, defendida em março de 2023, no Centro de Educação da UFPE, dentro da linha de pesquisa Identidades e Memórias, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEdU/UFPE, sob orientação do Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza.

A proposta de escrita da referida tese, foi uma reflexão sobre minhas caminhadas como educador e educando, que sugeria a narrativa de minha aventura individual em busca do sentido de minha existência, o que me levou a perceber que era “[...] chegado o momento de aproximar biografia e educação, numa perspectiva de “biografização” que diz respeito tanto ao espaço social da escola” (DOMINICÉ, 2014, p.21), quanto à vivências poéticas, esportivas, artísticas, políticas. Culturais místicas e religiosas, como veremos mais adiante.

Um trabalho cheio de aprendizagens e encontros inesperados com traços e laços de mim, obtidas nas memórias do farto material encontrado, isso sem contar com algumas intempéries como as mudanças no campo de pesquisa, mudança de residência e mudança conjugal em plena época de grassamento da pandemia de Corona Vírus-19; constatação de perda de livros, fotografias e tantos outros materiais, fruto do meu, antes, não ter paradeiro fixo.

Sem fronteiras, de começo

Para a escrita da tese comecei a levantar, sugerida por meu orientador, uma bibliografia sobre o assunto para me inteirar do que ‘era, em seus meandros, a (auto)biografia.

Através da professora Conceição Passeggi e da professora Aurinéa, vim saber que a (auto)biografia é uma atitude antiga e elas citaram como exemplo, Santo Agostinho e Rousseau. Não quero aqui negar o papel de educador e filósofo de Jean Jaques Rousseau, mas de saída me interessei em ater-me ao primeiro citado, por ser aquele um africano, nascido em Tagaste, na Numídia, província dominada pelo Império Romano. Estudou em Cartago, detestava o grego, pois dizia que a “Língua mãe” (o Latim) era um colosso. Recebeu educação Liberal, pois o pai o queria um magistrado. Como vemos, no ano 354 as línguas africanas já eram discriminadas. Os africanos das colônias eram obrigados a falar uma ou outra língua europeia universalizada, menos as suas. Hoje, as ações colonizadoras ainda continuam as mesmas.

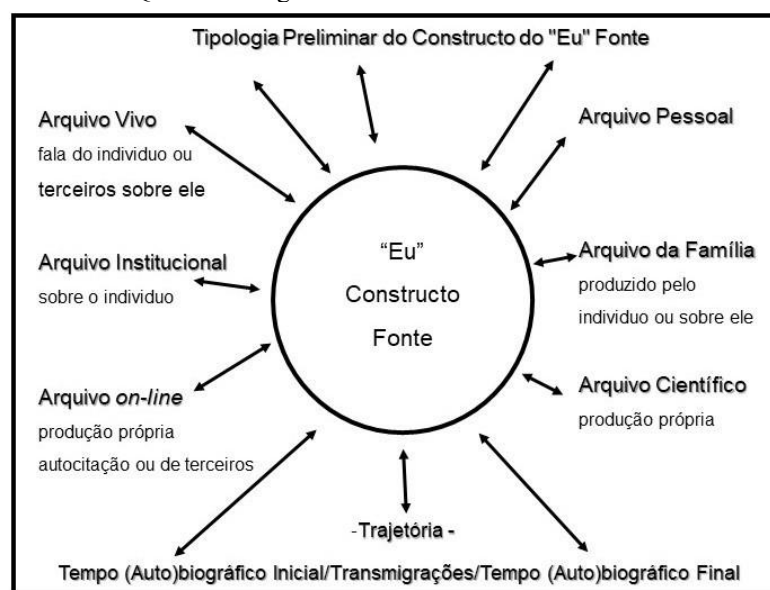
Agostinho (Aurélius Agostinus). Devasso, bebedor, frequentador de prostíbulos, praticante de furtos nos quintais alheios. Mas depois de uma visão mística, decidiu trilhar outros caminhos. Ajudado pela educação religiosa, precisava se reescrever, coisa que o fez no Livro X de sua obra *Confissões* (Agostinho, 1987). Foi para mim, muito importante ter-me debruçado nesses escritos para perceber como a escrita de um indivíduo sobre si mesmo pode modificar, se não de todo, mas grande parte de seu caráter, por dar-lhe a oportunidade de se auto-aprofundar.

“Cá de meu”, segundo minha avó Brandina, “Quem não pode com o pote, não pega na rudia” (Corruptela de rodilha: círculo de pano usado, sobre a cabeça, por pessoas interioranas, para amortecer o peso de algo que carregam), logo, seria covardia de minha parte deixar de seguir, conduzido pela “Luz do Candeeiro”, os passos do **Constructo do “Eu” Fonte** (tese de meu orientador), na busca de firmar uma ação metodológica, uma vez que, não estava a fazer um trabalho de literatura, corriqueiro, mas, convocado a embarcar numa tarefa científica. Embora, o método ainda não tenha conseguido me desintegrar de meu caráter poético e, às vezes - como disse meu coorientador, Professor José Vieira - aspirante “debochado”. Mas todo esforço não me foi poupado, em busca do método (auto)biográfico. E felizmente, diante de mim estava meu orientador.

A maneira eufórica como foi recebido o quadro organizativo do método exibido pelo professor Edilson Fernandes, para estruturação de sua tese com finalidade de ascender ao cargo de Professor Titular da UFPE, apresentado em sala de aula, na disciplina “Pesquisa e História da Educação II”, dava a impressão de que já estava entre nós a versão da nova “bíblia metodológica”, até para os que não estavam a construir teses ou dissertações (auto)biográficas.

O quadro distribuído em seis arquivos, nos impressionou a todos. A mim, principalmente, porque as fontes veem dos arquivos vivos, seja constituídas da nossa fala, como próprios autores, ou de pessoas próximas a nós, arquivo institucional, arquivo de família, arquivo on-line (produção própria) autocitação ou de terceiros; arquivo científico (produção própria), como veremos a seguir:

Quadro 1 Diagrama do Constructo do “Eu” Fonte



Fonte: Souza (2020).

Observando o gráfico a nós apresentado como sugestão para um trabalho científico de cunho(auto)biográfico, previ o que eu iria encontrar em tais “escavações” da memória.

Percebi que tomar a atitude de narrar-se é se dispor a uma tarefa difícil; é ir para diante do espelho e enfrentar fantasmas perigosos, inimigos atrozés, mas também se encontrar com grandezas, alegrias e desejos, guardiões de suas ternuras e gratidões por estar no mundo, pois, comungo com Freire (1981), do pensamento de que: é preciso ser “capaz de, estando no mundo, saber-se nele” (Freire, 1981, p.16).

Mas antes de seguir descrevendo os outros passos, digo-lhes que me veio a pergunta: como poderei escrever sobre mim mesmo sem me censurar e/ou cometer exageros em termos de autoelogio? (Só depois percebi que já estava me censurando)

O primeiro autor que encarei, foi o próprio Edilson Souza, meu orientador, uma vez que fui convidado a observar como se fazia uma construção metodológica de um trabalho (auto)biográfico. Como eu estava prestes a escrever uma tese nesse campo de pesquisa, fui intimado a fazer uma análise crítica sobre o artigo escrito por ele, extraído de sua tese. Em seguida, defrontei-me com Pierre Bourdieu em seu *Esboço para uma Auto-Análise*. Li, critiquei e fui em busca de Antônio Nóvoa, o organizador de *Vidas de Professores*. Como diz o próprio, na apresentação da obra, um chamamento de “[...] atenção para as vidas dos professores que constituíram durante muitos anos uma espécie de “paradigma perdido” da

investigação educacional” (Nóvoa, 1992, p.7). Eu queria saber onde eu me enquadraria nessa “epopeia”.

Gostei muito do capítulo III, do livro de Nóvoa: a escrita de Ivor Goodson, onde o tratamento é o desenvolvimento profissional; e Conceição Moita, no capítulo V, tratando, em sua escrita, do enquadramento teórico metodológico, coisa que sempre tive dificuldades, pelas razões supracitadas que me circundam.

Não é que seja difícil. Pelo que vejo, eu é que não costumo me enquadrar em algumas regras: espalho tudo, escrevo em vários cadernos, escrevo duas coisas quase ao mesmo tempo. Primeiro escrevo no papel para depois digitar no computador. Isso é parecido com Ariano Suassuna, que, primeiro anotava nos papéis pra depois dactilografar em sua máquina Olivetti. Eu, é porque não gosto desse negócio de lata (computador) intermediando minha relação com as folhas feitas de celulose. O lápis ou a caneta comigo fluem, porque me sinto pensando mais rápido como se fosse uma psicografia. Eles funcionam como uma extensão de minha mão: os carrego para onde quiser e escrevo quando me convém, num conluio com uma ou duas folhas de papel, que estão sempre dobradas no bolso. São excelentes acolhedoras de minhas inspirações.

Mas eu precisava, por meio das narrativas de meu itinerário pela vida e mostrar a potencialidade do que eu pretendia investigar sobre mim mesmo. Saber como me reeducar. Por isso quando li que “Trata-se de considerar os processos educacionais para além das fronteiras das técnicas, valorizando as subjetividades, os processos memorialísticos, as histórias de vida [...]” (Passeggi, 2010, p.11), senti que ela estava falando comigo e criei novo ânimo, apesar de ter me sentido o novato dos novatos, pois, afinal de contas estava em minhas mãos *Invenções de Vidas, Compreensão de Itinerários e Alternativas de Formação*, 2010, escrito pela própria autora citada. Daí comecei a espalhar os outros livros. Deu fome de saber mais. Afinal, minha mãe disse que eu aos cinco anos de idade já sabia ler.

Eram livros sobre a mesa, embaixo da mesa, no bureau, nas cadeiras, em cima da impressora, no chão e dentro das bolsas. Se o professor Edilson não inventar, para mim, outra moda – dizia eu - meus livros serão arrumados em algum dia.

No dia 13/12/2022, estava procurando *A Sociedade dos Indivíduos*, de Norbert Elias e lembrei-me que tal livro deveria estar dentro da bolsa com a qual eu tinha saído no dia anterior. O professor Vieira, meu querido co-orientador, já me disse: “você precisa é se organizar”. Concordo! Mas é que eu não sei sair sem bolsa, pra não sair sem livros. Onde eu

paro, saco um livro e vou ler. Até na sala de espera do oculista, enquanto minha pupila não embaralha tudo, devido à dilatação, estou sempre lendo.

Não gosto nem tenho paciência de ficar grunguzando celular, como faz a maioria das pessoas que esbarram em postes, nas ruas, olhando whatsApp. Prefiro cair num buraco, lendo. (A propósito, a palavra “grunguzar”, é uma corruptela de “bulungunza”, que significa “mexer”, em Kimbundo, Língua bantu, de Angola).

Mas voltando à obra organizada por Antônio Nóvoa, não só Conceição Moita vai tratar de metodologia mas o próprio Nóvoa, bem caminha nas plagas metodológicas, inclusive oferecendo opções e uma reflexão importante que foi a busca de um método de trabalho que [...] “permitisse *estudar a experiência socioprofissional de modo a evidenciar a relação dialética* entre o indivíduo produto da História e o indivíduo agente de historicidade”(Nóvoa, 1992, p.179), buscando evitar a velha discussão que transforma indivíduo e sociedade instâncias antagônicas, do mesmo modo como faz Norbert Elias, na *Sociedade dos Indivíduos*(1994).

Isso é mais uma prova de que “aquilo que chamamos “nossas” histórias de vida enunciam percursos e escolhas que, apenas, são consequências daquilo que podemos ser, num determinado momento histórico, no campo social” (Moura, 2004, p.134), visto que,

coerentemente com a ideia da vida como fluxo, como devir (o sujeito não é nunca o mesmo, mas sempre outro), a busca pelo ser marca uma cadeia desejante propensa ao infinito porque se estabelece segundo conclusões que somente podem ser provisórias, que não podem ser definitivas (Roque, 2010, p.44).

É a prova de que nem construímos, nem desmanchamos nada sozinhos. Só podemos ser sós, ilusoriamente. Até mesmo quando estamos nos autobiografando, dado a esse emaranhado de funções e junções que nos compõem.

O grande Jyali (griot) e escritor malinês, Amadou HAMPATÉ BÂ (2011), em *Metodologia e Pré-História da África*, observando a tentativa de supremacia dos povos ocidentais euro-americanos sobre os que preservam o que não está escrito, assinala que “nada prova *a priori* que a escrita resulta em um relato da realidade mais fidedigno do que o testemunho oral transmitido de geração a geração “[...] cada partido, cada nação enxerga o meio-dia da porta de sua casa”(dito africano) (Hampaté Bâ, 2011, p.167). Razão pela qual vemos que as narrativas são oriundas das maneiras e condições de como em cada um de nós foi forjada a personalidade, o caráter, nossas estruturas enquanto seres sociais.

Na verdade, mesmo que queiramos, a “configuração narrativa não é neutra, as palavras podem modular a representação e o pensamento” (Passegi; Aabrahão, 2012, p.21), por isso dizemos que “a autobiografia é uma construção política, na medida em que você decide o que quer conectar com a história, com a trajetória, o que você deseja influenciar a partir dos registros da fala” (Souza Edilson, 2020, p.792). Sabemos que esses registros comprometem, não só a quem fala de si mesmo, como a tantos que possam estar memorizados em suas narrativas.

Quem sabe, se para disfarçar o desejo e não demonstrar seu medo da exposição, embora estivesse nos caminhos da prática (auto)narrativa Bourdieu (2005) saiu, escorregadamente, na mesma hora em que entrava, dizendo: “Não tenho a intenção de me dedicar ao gênero da autobiografia, que afirmei bastante vezes o quanto era convencional e ilusório” (Bourdieu, 2005, p.11). Entretanto, a minha fantasia é de que, ao perceber que não convencia, nem a ele mesmo com esse discurso, trocou seis por meia dúzia: “Querida apenas tentar reunir e tornar disponíveis alguns elementos para uma auto-socioanálise” (Bourdieu, 2005, p.11).

Isso, como se ao mudar de campo, as ideias, as narrativas, também mudassem de autor e isso mudaria, quem sabe, a má compreensão que os da sua época, tinham em relação aos temas por ele discutidos. Só esqueceu que “o que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias [...]” (Hampaté Bâ, 2011, p.168) e uma vez recebendo atributos de sua sociedade, sobre as verdades ditas, estas memórias são de cunho individual e coletivo.

Esses argumentos me aproximam da compreensão em relação ao convite feito pelo professor Edilson Souza, para construir uma tese de caráter (auto)biográfico sob sua orientação, salientando que era preciso maturidade e que não era fácil falar de si mesmo, principalmente, quando esta maneira de falar exigia seriedade e cientificidade nos argumentos discursivos.

Quando o professor Elizeu Clementino(2006) diz que o sujeito da escrita narrativa é remetido a uma “dimensão de auto-escuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida através do conhecimento de si”, eu ousou, mesmo como iniciante, dizer que não é “como se” (SOUZA.Elizeu,2006, p.14), é

um contar para mim as coisas que experienciei e experiencio; que aprendi e estou aprendendo sobre eu mesmo, quando me debruço sobre o que me escuto dizendo de mim.

Daí em diante, concordo que é verdadeiramente uma experiência formadora e reflexivamente capacitadora do investigador, à proporção que o vai conduzindo rumo à consciência de sua itinerância comprometida por sua capacidade de ser professor de si e das outras pessoas, entendida como compromisso político, social, humano.

Dessa forma a “abordagem biográfica” vem contribuir para a organizar e facilitar uma nova maneira de se compreender as funções sociais da educação, principalmente quando a proposta do capacitador, do orientador é pensar essa educação como “um processo de autotransformação do sujeito que envolve e provoca aprendizagens em diferentes domínios da existência, evidenciando o processo que acontece em cada sujeito” (Abrahão, 2001, p.37); e não construindo robôs de ensino em série, desvalorizando assim a diversidade e soterrando a criatividade em prejuízo da aprendizagem educativa.

Vejo-me no centro de um processo enriquecedor em matéria de pesquisa e compreensão do que se passava nas escolas onde estudei, onde dei meus primeiros passos em direção ao conhecimento, com mestras que me incentivaram a ser um amante da profissão de professor comprometido com o crescimento, principalmente o meu, para ter melhores estudantes onde passasse.

Imagine se os da minha geração nos anos 1960, inclusive eu, tivéssemos discussões acerca de Identidades Sociais de Raça, bem como professoras preparadas para discutir com famílias e comunidade? Talvez, o autor da música “Em 60 negro vai virar macaco”, tivesse pelo menos passado por um susto.

Um trabalho como o da professora Aparecida de Jesus (2015), “Identidades Sociais de Raça em Autobiografias de Professores de Línguas”, teria feito muitas professoras negras repensarem suas decisões de abandonarem o magistério, ou de se conformarem a ensinar só a terceira série como, a minha professora, Dona Maria da Saúde, que sabia Francês como ninguém, mas não tinha colocação num colégio que tivesse ginásial. Minha impressão é que, naquele tempo, negra não podia ensinar lá.

Um tema dessa relevância sendo abordado a partir de narrativas (auto)biográficas, “faz uma grande diferença no entendimento da dimensão da necessidade da reflexão e possivelmente propor ações para as práticas pedagógicas que ocorrem” (Ferreira, 2015, p.19)

não somente em sala de aulas de línguas, mas das várias disciplinas curriculares das escolas públicas e particulares e nas universidades.

O trabalho com a pesquisa (auto)biográfica tornou-se uma emergência em nossa sociedade, principalmente como um lugar onde as expressões que são achatadas e/ou despejadas rumo à invisibilidade como as da maioria de pobres, negros, mulheres, homossexuais, deficientes, e tantos outros personagens, possam efetuar suas enunciações.

É pensando sobre isso que há uma trincheira, hoje, reconhecida como a “Da militância contra o apagamento do sujeito à inquietude da exposição permanente de si” (Passeggi; Abrahão; Delory-Momberger, 2012, p.31) e de tantas outras e outros, numa incansável luta em defesa das narrativas (auto)biográficas em Educação como algo conspiratório dentro da história e da cultura, em favor de atitudes autoras, atrizes em sujeitos rumo ao futuro, contra posturas dominantes e o apagamento dos indivíduos nas ciências sociais e humanas desde os anos 1980.

Minhas autonarrativas, não quero levá-las comigo, em transição (morte), pois seria negar às minhas experiências o valor de seus papéis na minha vida, nas suas existências e de seus conviventes. Por isso aceitei o convite e comecei, assustado, diante da farta biografia que me foi apresentada pelo Orientador, principalmente seus escritos.

Portanto, esta é a parte mais perigosa, pois, “ninguém se diz impunemente. As tentações da vaidade ou do niilismo perseguem os esforços para dar sentido a percursos feitos pelo caminho do que somos, mas também pelo caminho que nos obrigam a ser” (Abrahão, 2001, p. 7-8).

Elenquei os outros autores sugeridos como Velândia Mora, com uma história de vida muito interessante, mostrando a organização dos homossexuais; Conceição Passeggi, que tornou-se primordial, a “ponta de lança” do meu trabalho. Mandei buscar e passou um mês pra chegar. Saí separando os autores por Universidades e Países. Li vários artigos de Delory-Momberger. Quando vi que Nóvoa, Passeggi e Elizeu trabalham com professores, os deixei mais perto de mim. Precisava fundamentar a tese.

No dia 25 de junho de 2020, numa quinta-feira, comecei as gravações, no meio da maior desarrumação do mundo, mas estava tranquilo. Eu tinha me separado da companheira e alugado um apartamento. Eu precisava estudar, uma vez que tudo era novo, tinha que me adaptar. A gravação durou 28 minutos e dezessete segundos (28’:17”). Eu mesmo fiz a

decupagem (transcrição) que chegou a 10 laudas. Fiquei intimidado em mandar para alguém. Para mim, era segredo demais.

Livros por todo lado, repito: canto da sala, embaixo da mesa, em cima, no quarto de dormir. E na porta de saída para a área de serviço, mais livros. O inverno tinha chegado. Às vezes, entretido escrevendo, a porta ficava aberta e lá vinha chuva molhando o que não estivesse coberto com plástico. Lá parava eu e enxugava ou botava onde pudesse receber vento para não colarem as páginas. Não sei trabalhar com nada arrumadinho. Gosto de estender o braço e saber onde está o que eu quero. Coisa que nem sempre sei, mas termino achando o que me será de grande valia depois. No dia, (13/01/2022), revisando a escrita do capítulo I, estava eu sem saber onde colocara um número do Jornal Djumbay, onde fui editor, mas penso que levei para meu orientador fazer uma revisão no material que estava trabalhando. Lá fora, Cachorro Preto latia pra mostrar serviço. Eram 21 horas e penso que ele estava a justificar porque daqui há uma hora teria que comer.

A segunda gravação foi no dia 1 de julho de 2020, deu 11' :32'' segundos. Eram 10:55 da manhã, eu estava estudando Mora, quando recebi um vídeo pelo WhatsApp que me fez chorar com saudade do avô de uma das filhas que me adotou como pai. (Tenho esse privilégio: ser pai adotado; ser escolhido pra ser pai, pela filha ou filho emociona-me muito!) Depois descobri que foi pena de mim mesmo, de não ter tido pai pra fazer algo para mim.

Relendo a tese do professor Edilson Souza, vi que um dos meus defeitos era desarrumação. Inventei de fazer um cronograma para a próxima gravação, como se espontaneidade tivesse medida. Mas eu teria que organizar os assuntos da gravação 5, pois perdi o celular onde ela estava. Tinha coisas que eu não podia me esquecer.

A quarta gravação eu encontrei no HD-externo, onde havia colocado por milagre. Era do dia 18 de agosto. Tinha 12 minutos e 55 segundos. Eu estava relendo, desta feita, o artigo do professor Edilson, onde ele explica, em sua concepção, o que é autonarrativa: “fala gravada, comprovada da memória na busca de suas lembranças”. Foi aí que vi que tinha um rumo para onde historiar as minhas autonarrativas. Só voltei a gravar no dia 29 de setembro de 2020, numa terça-feira, às 19:39, ao me lembrar de uma música cantada por Jessé – cantor romântico de nossa MPB, quando entrei para tomar banho, coisa que trataria, posteriormente, em um dos capítulos. Hoje vejo que mais duas gravações se perderam junto com o celular. Em compensação, encontrei duas esquecidas gravações, que chamo, de alto valor: uma, é a entrevista que fiz com Ronaldo Lessa, Ex-governador de Alagoas em 15 de novembro de

2021, às 19 horas, na Pajuçara, Maceió, após um show musical que fiz no Palco Dandara, dentro do “Projeto Vamos Subir à Serra”, que acontece todos os anos na Semana da Consciência Negra. Meu interesse era captar sua fala e explicações do por que, ter-me agraciado com a maior Comenda das Alagoas: a Zumbi dos Palmares. Falei que era para colocar em minha tese (auto)biográfica. Ele ficou contente e se pôs à disposição para as perguntas. Isso me levou a refletir sobre a minha práxis enquanto pessoa negra em busca desse “Eu” idêntico ao meu povo. Trouxe de volta a memória daquele domingo, 20 de novembro – Dia Nacional da Consciência Negra – de 2006. Em seguida, recebi o abraço e a contribuição narrativa da arquiteta Patrícia Mourão, na época (2006), Secretária de Defesa e Proteção das Minorias. Em 2021, Secretária de Turismo e Esportes de Alagoas. Ao todo, as entrevistas com os dois (Patrícia e Ronaldo), tiveram a duração de 6 minutos e 43 segundos. Fico feliz, uma vez que esse esforço continua promovendo a integração da fala com os conteúdos e a tecnologia gerando esta nova disciplina em crescimento, que é o exercício para a consolidação da Pesquisa (Auto)biográfica.

Nesse sentido, é que as narrativas autorreferenciais são consideradas como objetos de estudo primordial para a pesquisa (auto)biográfica, pois são susceptíveis de revelar os modos como os indivíduos de uma determinada época e cultura *interpretam* o mundo e como dão forma a suas experiências. (Passeggi; Abrahão & Delory-Momberger, 2012, p.34).

Embora só descubramos depois, por não ser algo fácil, essa busca que parece não ter fim, na tentativa de juntar o que sentimos despedaçado. Afinal de contas, estamos a buscar as extensões de nós mesmas.

Fui, também, buscar informações a meu respeito: pelas instituições onde passei e nos documentos como cartas, bilhetes, fotografias. Apresentar minha produção acadêmica: através de livros que escrevi – *Caxinguelê* (1995) e *Canoeiros e Curandeiros: resistência negro-urbana em Pernambuco - Século XIX* (2006), artigos para revistas e Jornais; entrevistas; participações com ensaios, contos e poemas em antologias literárias, anais de congressos, seminários e simpósios, além de lamentar os escritos que foram perdidos por ignorância ou desleixe.

Entretanto, nas minhas buscas em minhas casas, posso parafrasear meu orientador: “é intrigante a complexidade documental que pode ser encontrada em meu arquivo pessoal” (Souza, Edilson, 2020, p.13). Tem coisas que jamais imaginei que pudessem estar guardadas:

bilhetes de minhas filhas para mim, provas que fiz com conteúdos políticos no Mestrado de Filosofia, os rascunhos de poemas que me deram vitória em festivais de música e poesia; cartas de amor. Meus desenhos e pinturas, e minhas recordações. Até um troféu de “Amigo da Polícia”.

Do mesmo modo que são decisivos os primeiros anos de docência, para a formação da identidade profissional de quem se lança à árdua tarefa de ensinar, é também decisivo o tempo de escrita e do refazer-se de quem está a escrever uma tese (auto)biográfica. Vejo agora que pra todo lado que me viro em busca do “Eu” idêntico, eu só encontro comigo, mesmo nas falas alheias. Segundo Antônio Nóvoa (2006), no prefácio do livro de Elizeu Souza (2006), *O Conhecimento de Si: estágio e narrativas de formação de professores*, fruto de sua Tese de Doutorado pela UFBA, “[...] somos deixados muitas vezes isolados nesta fase tão decisiva de nosso percurso. Sem ninguém com quem possamos dialogar. Sem ninguém para partilhar dúvidas e incertezas”(Nóvoa,2006, p.11). Nessa obra, Elizeu Clementino dá provas da criação de “[...]uma rede de suporte e de diálogo com 10 alunos mestres/professores principiantes [...]” (Op.Cit.,p.11)), nesta hora tão decisiva de suas vidas. Isso gera acolhimento e segurança, como do lado de cá não somente eu, mas outras(os) recebemos de nosso orientador, Edilson Souza, um direcionamento na pesquisa, uma contribuição para nossas formações e descobertas.

Deduzo eu que o trabalho (auto)biográfico nesta construção, do “eu” idêntico, bem como os trabalhos dos outros orientandos foram capacitações de nossos “eus” pessoais para a tarefa de contribuição e suporte contra o abandono e o isolamento, que gera em tantos e tantas a desistência da compreensão de que, numa profissão tão exigente como a de ser professor, é preciso ser estagiário sempre do se fazer compreender. Por isso diz Marilyn Ferguson (1976), em relação às mudanças de paradigmas científicos e filosóficos por meio de uma grande conspiração: “os conspiradores se acham ligados, afinados por suas descobertas interiores e pelos abalos sofridos (Ferguson, 1976, p.24).

Considerações Finais

Muita coisa tem mudado. Desde o Brasil que há muito não pegava fogo, como aconteceu em 2022 e no começo de 2023 com a ressurreição do ultra conservadorismo doutrinário, até a alegria de saber que as teorias e conceitos teóricos têm surgido em vários

campos de estudos e pesquisa, principalmente, dentro do que é novo como a pesquisa e estudos (auto)biográficos, pelo menos pra mim.

Em conversas com meu orientador descobri várias maneiras de contribuições para a escrita da tese e a compreensão do valor da escrita (auto)biográfica para o meu crescimento pessoal e sua relevância no processo educativo, quando se trata de transformação pessoal. Quiçá, seja um dia levada a sério pelas redes de ensino do país e nos consultórios de psicologia, como uma grande ferramenta e equilíbrio e reelaboração da capacidade do ser humano se autodesenvolver. Embora, por várias vezes em que estávamos a conversar por telefone – eu e meu orientador - Malvadeza, meu galo do pescoço pelado que já matou um gato e duas galinhas, teimasse em interferir, ora tentando discordar do que dizíamos, ora a trocar insultos com o galo garnizé da vizinha, como parte da natureza circundante, sempre me inspirou nas minhas reflexões sobre a arte no viver. Tanto é que, algumas produções artísticas, como desenhos e pinturas que fiz quando nem sonhava com (auto) foram inseridos na tese, valor simbólico e interpretativo dentro de minha trajetória, além da escrita, do canto, da dança que sempre pratiquei. Assim disse meu orientador.

Foi ele que levou para mim o artigo de Gabriela C. de Oliveira, da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), na *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, v.6, 2021, sobre “Delory-Momberger e Fotografia”, ressaltando a prática docente de artistas-professores dialogando com a (Auto)Biografia, memória, criação e narrativas de si, a partir do desenvolvimento do conceito sobre *Automedialidad*, que tem “imbricado em si o elemento espaço, como fundamento para a (auto)biografização [...] processo de construção de si no espaço da imagem, da pintura, do texto poético, do cinema [...] Oliveira C, 2021, p.228).

Por aqui vemos que há uma ligação, uma afinação, entre os “conspiradores,” que os fazem semelhantes, uma vez que, mesmo sofrendo abalos de diversas etiologias, executam grandes descobertas em seus interiores, que são verdadeiras fortunas que não têm preço, pois representam tesouros arqueológicos inestimáveis. Mesmo em tempos de insegurança, qualquer um tem capacidade de transformar-se e produzir conforto em suas entranhas por ocasião de suas descobertas e tornar-se confiante. Basta tomar os obstáculos e problemas como desafios. Problemas podem ser recebidos como lições. E foi assim que eu fiz, tomando-os como oportunidades de renovação. Isso é literalmente o revirar-se pelo avesso e ter a coragem de, apesar do medo, exercer o extraordinário dom da ousadia de ter a afoiteza de transformar-se a cada dia, a cada ato. Assim tem que ser o próximo capítulo de nossas vidas:

uma aterrissagem em meio às coisas finitas, mas ... Assim pude assumir o fazer re-educativo, o caminho que me permiti trilhar, pois, o encontro com o método (auto)biográfico me sugere que o vazio narrativo abriga sempre informações surpreendentes para compor o que se descobre com o que cada narração de si manifesta.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto in – Passeggi, Maria da Conceição (Org) **Invenções de Vidas, Compreensão de Itinerários e Alternativas de Formação**, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

AGOSTINHO, Santo, **Confissões**, Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço para uma Auto-Análise**. Lisboa: Edições 70 LTDA, 2005.
Correia, Severino do Ramo, **A Educação Enquanto Palco (Auto)Biográfico: o “Eu” Idêntico de Lepê Correia**, Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, - UFPE, na linha de Pesquisa Identidades e Memórias, para obtenção do Título de Doutor em Educação. Recife -PE: UFPE, 2023.

CORREIA, Lepê, **Caxinguele**, Recife: FC Cidade do Recife, 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine, **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto**, Natal, RN: EDUFRRN, 2014.

DOMINICÉ, Pierre, “Pensar a Educação no Horizonte Biográfico, in- Delory-Momberger, **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto**, Natal, RN: EDUFRRN, 2014.

ELIAS, Norbert, **A Sociedade dos Indivíduos**, Rio de Janeiro: Zahar, 1994
Ferguson, Marilyn, **A Conspiração Aquariana: transformações pessoais e sociais nos anos 80**, Rio de Janeiro: Record, 1980

FERREIRA, Aparecida de Jesus(org). **Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**, Campinas, SP: Fontes Editores, 2015.

FREIRE, Paulo, **Educação e Mudança**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

GOODSON, Ivor F. “Dar Voz ao Professor: As Histórias de Vida dos Professores e o seu Desenvolvimento Profissional” in- Nóvoa, Antônio (Org). **VIDAS DE PROFESSORES**. Porto Editora, Portugal: 1992, p.63.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. “A Tradição Viva, in- **História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.

MOITA, Maria da Conceição, “Percurso de Formação e de Trans-Formação” in- Nóvoa,

Antônio (Org). **VIDAS DE PROFESSORES**. Porto Editora, Portugal: 1992, p.111.

MORA, Manuel Antônio Velândia, **De la Autobiografía a la Autoetnografía como Herramienta para el Estudio de Si Mismo**, Tese escrita para obtener el Diploma de Estudios Avanzados DEA En el Doctorado en Psicopedagogía en la Universidad del País Vasco, España, 2010. Disponible em: <http://es.scribd.com/doc/59013270/De-Homosexual-a-Marica-Sujeto-de-Derechos-Arqueologia-al-interior-de-mi-mismo>.

NÓVOA, Antônio (Org). **VIDAS DE PROFESSORES**. Porto Editora, Portugal: 1992.

OLIVEIRA, Gabriela Clemente de “Poéticas da Memória. Christine Delory-Momberger e Fotografia”, **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v.06, n.17, pp. 224-234, jan. /abr.2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição; Abrahão, Maria Helena Mena Barreto (Orgs). **Dimensões Epistemológicas e Metodológicas da Pesquisa (Auto)biográfica**: Tomo II. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS5; Salvador: EDUNER, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição & SILVA, Vivian Batista da, (Orgs). **Invenções de Vidas, Compreensão de Itinerários e Alternativas de Formação**, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010..

ROQUE, Araguaia Solange de Souza, **Minha Consciência Daria um Romance: O Personagem sujeito do (ao) inconsciente na interface Literatura e Psicanálise**, SP: UNESP, 2010.

SOUZA, Edilson Fernandes de. **À Luz do Candeeiro e o Constructo do “Eu”Fonte**: Educação pela Arte, Ciência e Política, Tese de Doutorado apresentada ao Centro de Ciências da Saúde para promoção ao cargo de Professor Titular da UFPE, Recife –PE: 2020

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O Conhecimento de Si**: estágios e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: U